

Resumo: O tema da vida é objeto de estudo da ciência e da religião, visando aprofundar os aspectos característicos dos seres do reino orgânico e racional. Um e outro têm algo de fundamental ao ser humano fornecendo à pesquisa não somente elementos físicos, mas sobretudo a dimensão transcendente que afeta a criatura humana desde o momento de seu nascimento e determinando-a ao longo de sua evolução. Trata-se da vida que nasce e evolui, multiplica-se e entra em declínio, sem que os fatores determinantes estejam sob controle dos seres vivos porque dependem de outra fonte. Embora a vida se enriqueça com o esforço pessoal e a colaboração da comunidade, sempre entra em declínio não por culpa própria mas por fatores inerentes à contingência da existência terrena. O que importa nas reflexões sobre a vida humana é orientar-se pela revelação divina sobre o dom mais precioso que o Criador coloca em nossas mãos, para ser valorizado enquanto vivemos sobre a terra.

Abstract: The theme of "life" is studied in various areas of both science and religion with the aim at getting a deeper insight into the characteristic aspects of created beings belonging to the organic and rational realms. These realms have basic elements to offer to the human being supplying not only physical ingredients but more importantly providing mankind with a transcendent dimension from the day of birth and continuing on in the course of its evolution. The central core of the whole issue is human life, beginning at birth and developing along the years until it falls prey to decay, not by its own cause but by inherited factors due to the transitory nature of terrestrial existence. What is really important in the reflection about human life is the revelation of God about the most precious gift, which the divine Creator puts in our hands to be valued while we live on earth.

A vida na Bíblia

*Luis I. Stadelmann, SJ**

* O Autor é Doutor em Línguas e Literatura Semíticas, Cincinatti, e Mestre em Ciências Bíblicas, Roma.



Introdução

O tema da vida é amplamente estudado nas ciências naturais e na teologia porque se trata da vida da Terra e do meio ambiente, onde o ecossistema em equilíbrio se precisa otimizar para que a ecologia da flora e fauna e a ecologia “humana” possam ser viáveis desde a origem até a sobrevivência dos seres vivos. Surgiram várias teorias para solucionar os problemas do mundo. Em 1969 surgiu a “Hipótese Gaia”, afirmando que a vida da Terra é que cria as condições para a sua própria sobrevivência, e não o contrário, como as teorias tradicionais sugerem¹. Mas, o que dizer da vida na Terra face aos desequilíbrios climáticos que hoje em dia causam tanta preocupação em âmbito mundial? Teses científicas, baseadas em pesquisas geológicas, astronômicas, biológicas e físicas, propuseram estudos aprofundados sobre as várias causas das inversões climáticas. À luz da investigação das eras geológicas, há comprovação da ocorrência do fenômeno de aquecimento global a cada trinta mil anos nos períodos interglaciais. Esse aquecimento costuma ter a duração de mil anos até voltar ao normal². Resta saber se a época atual se situa num período interglacial ou está em outra fase da história do planeta.

Entre as pesquisas recentes na área da *exobiologia* foram analisadas as hipóteses de vida em outros planetas, expandindo o conceito de vida e buscando vida inteligente ou não fora da Terra³. Mas convém assinalar que por ora não se encontrou nada e por isso não temos uma ciência com objeto de estudo próprio. A única forma de vida que conhecemos somos nós mesmos e os que conosco a compartilham neste planeta.

Muito pertinente ao assunto em discussão é a abordagem de um aspecto importante na Bíblia que trata da *interioridade da vida*⁴. Quando os autores bíblicos do AT tratam desse assunto visam refutar crenças

¹ A “Hipótese Gaia” foi apresentada por J. LOVELOCK com apoio de L. MARGULIS, em 1969. Esta hipótese é vista com descrédito pela comunidade científica internacional. Encontra simpatizantes entre grupos ecológicos, místicos e alguns pesquisadores. Cf. H. Rocha PINTO, “*Elementos químicos na evolução da galáxia*”, na revista semanal do Instituto Humanitas Unisinos (IHU), Março 2006, Ano 5, No 172, p. 28-31.

² As eras glaciais situam-se no Hemisfério Norte, na época do quaternário, quando ocorreram as flutuações excepcionais do clima. Durante as eras interglaciais Mindel-Riss, entre 300.000 até 200.000, como também as eras interglaciais Riss-Würm, entre 100.000 até 50.000, aconteceu o fenômeno do aquecimento global a cada 30.000 anos.

³ Cf. J.A. QUILLFELDT, “*A expansão do conceito de vida*”, em IHU, Março 2006, Ano 5, No 172, p. 8-11.

⁴ Cf. L. BOROS, “*Terá a vida algum sentido*”, em *Concilium*, Revista Internacional de Teologia, Nº. 60, 1970/10, p. 1211-1219. As energias do “homem exterior” não só se desgastam, mas convertem-se em “interioridade”.



espúrias e que esporadicamente voltam à baila. Muito a propósito é o enfoque do NT sobre o *Evangelho da vida*, ao tratar do valor fundamental da vida humana por causa de sua participação na vida divina⁵.

Antes, porém, de entrar no estudo da noção acerca da vida na Escritura, é importante considerar a fenomenologia da vida humana.

Fenomenologia da vida humana

Do ponto de vista científico, a vida é uma particular organização da matéria. A biologia molecular demonstrou que a substância vivente se distingue da não-vivente graças a um modo diferente e muito mais complexo de estruturação: a substância não vivente (ou inorgânica) é constituída de moléculas bastante simples, por exemplo, a molécula da água é formada de um só átomo de oxigênio e dois de hidrogênio; a substância vivente ou orgânica, por sua vez, é constituída de moléculas extremamente organizadas e complexas⁶. Se alguém pensasse que se poderia produzir a vida no laboratório, seria um processo muitíssimo difícil, já que entram em jogo muitos componentes imprevisíveis. No que tange à vida humana, será impossível para nós criar um ser humano por meio de clonagem porque entram em questão dois elementos substanciais, corpo e alma. Ora, o corpo humano precisa da alma para lhe dar forma e para começar a existir, no momento da união de ambos. Na Bíblia se ilustra essa união pelo alento divino que o Criador sopra nas narinas da figura de barro representando o protótipo de um ser humano (Gn 2,7).

As várias implicações que foram mencionadas mostram o fato de que para a origem de um ser inorgânico basta a intervenção do Criador no início, ao passo que para um ser orgânico se precisa de duas coisas: a ação criadora (de um novo ser) e a ação conservadora para mantê-lo em vida e preservá-lo da extinção, embora plantas e animais tenham nas tendências e no instinto de conservação um poderoso estímulo de sobrevivência desde que diminuam as devastações do planeta causadas pelos desastres ecológicos na atmosfera, nas águas e nos continentes.

Entretanto, o dom da vida se reveste de particularidades do respectivo ser, seja do mundo orgânico, vegetativo ou animal. Afirmar que a vida é “dom” de Deus, significa que não é um elemento natural da natureza humana. Ao ampliar o leque de seres vivos sobressai o homem

⁵ A expressão “Evangelho da Vida” visa realçar o aspecto essencial da mensagem bíblica, cf. Papa João Paulo II, Carta Encíclica “*Evangelium Vitae*” sobre o valor e a inviolabilidade da vida humana, Roma 1995, n. 2, (abrev.EV)

⁶ B. MONDIN, O Homem, quem é ele? Elementos de Antropologia Filosófica. São Paulo: Ed. Paulus, 12a ed. 2005, “*A vida humana*”, p.47.



pela *vida em comum* aos seres racionais por ser criado “à imagem e semelhança de Deus” (Gn 1,27). Essa *hendíadis*, associa duas dimensões de autotranscendência do homem: “imagem” (*selem*), de ordem natural, i.e. inteligência, e “semelhança” (*demut*), de ordem sobrenatural, i.e. graça santificante.

I Parte: A vida humana no AT

A “vida”, em hebraico: *ha-hayyîm*, em grego: *zōē* que é distinto de *bios*, significando a vida orgânica, em comum com as criaturas do reino vegetal e animal. Em contraste, falando de “Deus vivo” se ressalta que Deus concede a vida e tem domínio sobre a vida, mas Ele pessoalmente não se reduz a mero princípio de vitalidade. É importante notar que o conceito de vida, aplicada a Deus e à criatura, é mera analogia. Nisso há uma diferença fundamental entre o Deus de Israel e as divindades veneradas nas religiões dos outros povos do antigo Oriente Médio, onde havia concepções das mais diversas. Alguns concebiam a natureza dos deuses como divinização da força vital, significando, na verdade, uma identificação entre Deus e a vida. Entretanto, a teoria da “divinização” da vida nada mais é do que uma contestação contra a legitimidade de qualquer forma de intervenção sobre a natureza, mormente a ação de Deus como Criador do mundo cuja dependência consiste no desenrolar dos desígnios que por Ele lhe foram traçados e sem caírem nas mãos do destino cego. Outros faziam uma distinção bem nítida entre o Criador e o fenômeno da vida⁷. Quando na Bíblia se fala do *Deus vivo*, é para ressaltar que é uma pessoa e não um conceito genérico do mundo das idéias com função meramente epistemológica, sem consistência. Na verdade, a palavra “Deus” é um conceito dinâmico que expressa ao mesmo tempo três aspectos, i.e., uma noção, como também presença e ação divinas⁸. Pois o homem, ao pensar ou falar de Deus, tem consciência de quem Ele é, do que Ele faz (como Criador e Benfeitor), e onde é que Ele está.

⁷ Cf. G. GERLEMANN, cf. o verbete “viver” (em hebr. *haya*), em E. JENNI – C. Westermann, *Diccionario Teológico Manual Del AT I*, (Trd. J.A MUGICA), Madrid: Ed. Cristianidad, 1985, (Original alemão 1971), p. 765-776.

⁸ Entre os conceitos dinâmicos são mencionados: “espírito”, “palavra” e “sabedoria” porque se referem não só à noção, mas também à função que exercem na revelação divina registrada na Bíblia. Ora, a palavra “Deus” refere-se a determinadas categorias teológicas, mas designa sobretudo o Ser Absoluto pessoal, o Ser dinâmico, e a Presença divina na vivência da fé.



O tema da vida aparece no início da Bíblia como dom de Deus. Quem se beneficia desse dom são as criaturas, situadas no meio ambiente que também é obra da criação. Como é típico da mentalidade dos semitas, também o autor bíblico concentra sua atenção no Autor e não tanto no dom por Ele concedido às criaturas, como é típico na mentalidade Ocidental. Destarte, no relato da criação se ressalta o Criador que é mencionado, no início, ao tratar da obra a ser realizada por meio da Palavra de Deus e começando a sua ação a partir do nada, e no final se acrescenta a ponderação divina mediante um juízo valorativo: “Deus viu que era bom”. À luz desses dados bíblicos podemos concluir que aí se trata de refutar a crença dos mitos pagãos sobre um demiurgo como causa instrumental da criação⁹, ou as forças da natureza ou então o destino cego.

O objetivo principal do relato da criação na Bíblia não é só refutar crenças errôneas, mas sobretudo ensinar uma verdade que fora da Bíblia não é abordada apesar de ser de importância fundamental à vida humana, a saber, o mundo possui sentido intrínseco independentemente da práxis humana. Do mesmo modo, se visa conscientizar a humanidade de que a existência humana possui um sentido que é dado de antemão, independentemente de suas ações criativas na transformação da natureza. É esta uma verdade que se baseia na revelação divina da Bíblia que, no relato sobre a obra da criação de Deus, ressalta a influência positiva de cada uma das seis fases (dias) na origem do mundo, explicitando-se a ponderação: “Deus viu que era bom” (Gn 1,1-31). O elemento comum a todos os componentes do cosmo é sua relação com a vida, em contraste com o caos, onde falta vida e por isso não há sentido intrínseco no que se refere ao destino cego, ao fado, ou às forças caóticas da natureza. Se os estudos da moderna cosmologia descobrem que “o universo veio com defeito de fabricação”¹⁰, há alguns bilhões de anos atrás, todavia não se altera o fato de que as criaturas evoluíram num ambiente propício às condições da vida sobre a terra.

Na discussão sobre o tema referente à vida humana e ao ambiente vital opõem-se radicalmente os pressupostos antropológicos propagados pelo humanismo prometeico que vai dos filósofos do “Idealismo alemão”

⁹ A palavra “demiurgo” entrou em uso na filosofia da cultura helênica para designar o “artífice” do Universo, ao qual cabe a tarefa de organizar a matéria preexistente.

¹⁰ Cf. a reportagem de Rafael Garcia, “Universo veio com defeito de fabricação”, em *Folha de São Paulo*, São Paulo, 26 de outubro de 2007, p. A29. Com base em algumas teorias os cientistas procuram explicar a origem do universo a partir do “*Big Bang*”, e desde então teria ocorrido um defeito inerente às forças da natureza.



(Kant, Fichte, Schelling, Hegel) ao negativismo (Nietzsche, Foucault e Deleuze), ao existencialismo ateu (Sartre e Camus), e ao materialismo dialético (Marx, Engels e Gramsci). Para esses filósofos, não é o “ser” da pessoa humana que tem valor, mas exclusivamente o “fazer” obras de caráter essencialmente pragmático. Fora disso, tanto o ambiente vital como também a vida humana não têm sentido nem valor em si porque tudo iria desembocar num vazio sem explicação. Entretanto, se levarmos em conta o objetivo do relato bíblico sobre a criação do mundo, descobrimos os traços marcantes da “história da salvação” e não propriamente os da história do mundo. Por isso, convém distinguir entre o enfoque da cosmogonia nas especulações cosmológicas antigas e modernas, para que possa surgir, de forma cada vez mais clara e nítida, a configuração da vida humana segundo os parâmetros da “história da salvação” que se desenrola sobre a face da Terra. O que se visa aí é assinalar a dinâmica interior do gênero humano para o desabrochamento da inteligência, o alargamento dos horizontes do conhecimento, o despertar do homem para a amizade, para o domínio do mundo e para o amadurecimento do que há de melhor na pessoa humana até atingir a plenitude em suas relações com os outros seres humanos e com Deus. Como observa o Papa João Paulo II:

Assim, diante da vida que nasce e da vida que morre, o homem já não é capaz de se deixar interrogar sobre o sentido mais autêntico dessa sua existência, assumindo com verdadeira liberdade esses momentos cruciais do próprio “ser”. Preocupa-se somente com o “fazer” e, recorrendo a qualquer forma de tecnologia moureja a programar, controlar e dominar o nascimento e a morte. Esses acontecimentos, em vez de experiências primordiais que requerem ser “vivas”, tornam-se coisas que se pretende simplesmente “possuir” ou “rejeitar”¹¹.

A Bíblia fala dos três tipos de vida no relato da obra de criação (Gn 1,1-31), quando se trata da vida criada: vegetativa, sensitiva e racional, que surgiu por intervenção do Criador e não simplesmente por uma divindade do panteão da mitologia e do folclore antigo, ou por evolução, ou por geração espontânea. É de notar que no terceiro dia do relato da criação bíblica brotou a vegetação (v. 11-13); e no quinto dia vieram os peixes e os pássaros (v. 20-23), e finalmente, no sexto dia surgiram os animais terrestres e o ser humano (v. 24-31). Lembremos também a constatação das ciências naturais de que a vida não surge em

¹¹ “*Evangelium Vitae*”, n. 22.



planeta algum, a não ser que haja ali um ambiente com condições propícias à vida, e por isso se mencionam as obras divinas do primeiro dia (i.e. luz e energia vital) e o espaço sideral e terrestre, sem entrechoques com asteróides e ao resguardo das radiações nocivas (segundo dia)¹², e a influência dos astros que aparecem solitários ou em constelações nas várias estações do ano (quarto dia).

Tratando-se da vida humana, levamos em consideração a antropologia hebraica, segundo a qual o homem, em todo o seu ser, é uma criatura unívoca, cujos componentes são: “carne” (*basar*: ser mortal), “alma” (*nefesh*: dinamismo vital difundido em toda a pessoa) e “espírito” (*ruah*: vida unida à sua fonte divina). Em contraste, a antropologia egípcia antiga concebe a criatura humana em termos de uma dupla natureza: a) terrestre com propriedades materiais e espirituais; e b) celeste que se identifica com a alma (*ba*), i.e. uma espécie de “sósia” existindo no céu. Além do mais, a Bíblia situa o homem na terra, sem atribuir-lhe um “sósia” ou admitir que haja uma personalidade dupla, ambígua ou múltipla, como acontece hoje no caso dos espíritas que recorrem à teoria da reencarnação das almas dos defuntos. A título de oferecer uma segunda chance a alguém que desperdiçou sua vida na terra, surgiu a idéia de arrebatar o dom da vida das mãos do Criador e de transferi-la totalmente para as mãos da criatura, que pudesse passá-la a limpo, na suposição de que a vida possa existir independentemente do Criador. Lembremos que a vida humana, em todos os aspectos da antropologia física, metafísica e espiritual, é dom de Deus quanto à origem, natureza e duração, ao passo que a sobrevivência após a morte é assunto da fé na revelação divina.

O que nos impressiona no estudo dos textos bíblicos sobre o tema da vida humana, é o fato da relação *passado-atualidade* da Aliança sagrada que se torna presente na celebração litúrgica do Povo de Deus. Assim, a faculdade da “memória” tem função determinante na vivência litúrgica de eventos passados da “história sagrada” e na recordação dos antepassados que precederam à geração atual. Poderia alguém pensar que se trata de mero saudosismo de tempos idos ou do sentimento de nostalgia pelos falecidos, se não levar em consideração o tema de fundo que trata da *união com Deus*. Na verdade, o argumento sobre a vida futura não

¹² Cf. E. GERAQUE, “Grupo vê ‘berçário’ de raios cósmicos. Observatório “Pierre Auger” identifica de onde partem os raros petardos ultra-energéticos que chegam até a Terra”. *Folha de São Paulo*, 9 de Novembro de 2007, São Paulo, p. A 23.



deriva do folclore ou de crenças avulsas sobre a outra vida. Analisando não somente a conclusão dessa argumentação sobre a fé na imortalidade da alma, é preciso atender também ao teor da premissa que ressalta a importância da união com Deus nesta vida. Ora, a “união com Deus” nesta vida, para ser verdadeira e profunda, deve ser duradoura e por isso tem que ser perene, para além da morte. Assim reza o salmista:

- ²³ *Mas eu sempre estou contigo (ó Deus);
tu me seguras pela mão direita,*
²⁴ *tu me guias segundo teus desígnios,
e no fim me acolherás na glória.*
²⁵ *Se tu, a quem eu tenho no céu, estás comigo,
nada mais desejo na terra.*
²⁶ *Embora minha carne e meu coração definham,
Deus é a rocha do meu coração
e minha herança para sempre (Sl 73,23-26).*

Nesta perspectiva é que adquirem significação mais profunda os textos bíblicos sobre a *capacidade* que Deus nos dá de participar da Sua vida, como consta nos Salmos:

- ⁶ *Tu o fizeste um pouco inferior a um ser divino,
tu o coroaste de glória e honra (Sl 8,6);*
¹⁹ *a fim de livrar-lhes a alma da morte,
e conservar-lhes a vida, em tempo de penúria (Sl 33,19).*
⁸ *O SENHOR todo-poderoso está conosco.
Temos por cidadela o Deus de Jacó (Sl 46,8).*
⁵ *Feliz aquele que escolhes e acolhes
para morar em teus átrios (Sl 65,5).*
⁹ *Ele conserva com vida nossa alma
e não deixa vacilarem nossos pés (Sl 66,9).*
⁵ *Felizes os que habitam em tua casa,
louvando-te sem cessar! (Sl 84,5).*
⁷ *Eles, dançando, cantarão:
“Todas as fontes estão em ti” (Sl 87,7).*
³ *Reconheci que o SENHOR é Deus!
Ele nos fez, e somos seus:
Seu povo, e rebanho de seu pastoreio (Sl 100,3).*
¹⁸ *O SENHOR está próximo de todos os que o invocam,
de todos os que o invocam com sinceridade (Sl 145,18).*



No AT encontramos as noções acerca da *vida* no contexto das reflexões dos membros da comunidade, tratando do início do ciclo de vida desde o nascimento até o término de seu declínio, desembocando na morte, participando da sorte comum de tudo o que é efêmero. Ora, as comunidades israelitas eram minorias entre os povos antigos e por isso sempre se ressaltava sua existência na história como dom de Deus, cuja Providência garantia sua continuidade que se evidenciava pela sobrevivência da coletividade. Mais importante do que a vitalidade e a exuberância das forças vitais nos seres humanos, valorizava-se a existência do Povo Eleito como continuidade do que lhe era atribuído como tarefa precípua, i.e. a função de servir de paradigma de salvação aos outros povos. Nisso estava implicada também a missão da comunidade de fiéis de ter que transmitir o legado de fé às gerações futuras para não cair no olvido e na obsolência, mas tenha vigor e dinamismo para difundir os dons de Deus entre os povos. Entre esses dons figurava antes de tudo o dom da vida, dom que os mortos já não têm:

*Porque entre os mortos não há quem se lembre de ti.
Quem te louvará no abisso? (Sl 6,6)
Não são os mortos que louvam o SENHOR,
Nem os que descem à região do silêncio (Sl 115,17).*

Os israelitas antigos evocavam a morte como término de sua existência na terra e o encerramento de sua missão na história de prestar o louvor a Deus e de implorar e bênção divina através da liturgia comunitária. Entretanto, quando o número de fiéis diminuía e as comunidades de fé iam minguando no decorrer do tempo, surgiu o receio de diminuir a presença atuante de Deus sobre a humanidade por causa da falta de preces dos fiéis. Até mesmo o envelhecimento da terceira idade causava problemas religiosos e espirituais, sem falar dos percalços do declínio das forças vitais. É que os momentos de intuição e perspicácia são cada vez mais escassos e têm pouca influência inovadora. Nessas condições, não podem os idosos transmitir a vitalidade e pujança da vida à nova geração evitando-se assim um envelhecimento precoce¹³. Além disso, os velhos já não participavam assiduamente das celebrações litúrgicas quando os achaques da velhice os impediam de sair de casa e ir ao Templo. O sal-

¹³ Podemos citar o fenômeno do envelhecimento precoce da ovelha “Dolly”, criada por clonagem no laboratório do Instituto Roslin da Escócia, em 1997, mas cujo ciclo vital repentinamente entrou em declínio até morrer em 2003, embora deveria durar na média de 12 a 14 anos.



mista empresta sua voz a um ancião que vê a realização de sua vida na proclamação do louvor de Deus no seio da comunidade dos fiéis:

*Apesar de minha velhice
e dos meus cabelos brancos,
não me abandones, ó Deus,
até eu anunciar as obras de teu braço à geração presente,
e a toda a geração vindoura, tua proeza (Sl 71,18).*

Quando o desenlace estiver prestes a chegar, pois doença, insucesso e sofrimento são mensageiros que o anunciam, então é que pensamos no destino que nos aguarda no além. São indícios da realidade de que nossa vida, em última análise, não nos pertence. Ao refletirmos sobre a existência humana, não podemos esquecer o aspecto da transitoriedade da vida. Somos peregrinos, viandantes. Sempre estamos a caminho.

*Diante de ti, não sou mais que um peregrino,
um estrangeiro como todos os meus antepassados (Sl 39,13).*

Resta perguntar sobre a causa que leva à morte da vida, já que o signo da brevidade do ciclo vital é uma marca indelével impressa nos seres vivos que foram criados por Deus com participação dos nossos pais. É que a morte não está inerente na pessoa por causa de um defeito de fabricação ou uma falha no material genético. Lembremos o argumento dos sábios de Israel que distinguem entre o ciclo vital no mundo vegetal e a vitalidade dos homens. Dizia Jó:

*Para a árvore existe esperança:
quando cortada, ainda se renova
e não cessa de lançar seus rebentos (Jó 14,7).
Mas morre o homem e jaz inerte;
expira o mortal, e que é dele?
Pode faltar a água dos lagos,
pode um rio secar e desaparecer;
porém o homem, uma vez que se deita, não se levanta mais;
nem se desprenderá do sono (Jó 14,10-12).*

Na verdade, a resposta está na ação transcendente do Criador que dá a vida, ao passo que as criaturas contingentes estão reduzidas à função de reproduzir e não criar seres novos. Ora, o homem recebe o dom da vida no receptáculo do corpo unido às faculdades do espírito. Para explicar a fatalidade da morte na vida humana, o Eclesiastes conclui:

*O pó volta à terra, onde estava,
e o espírito volta para Deus, que o concedeu (Ecl 12,7).*



Destarte, a efemeridade do mundo material implica um prazo limitado de existência na terra, ao passo que o “espírito” no homem é perene e imortal. Ora, “*Deus não fez a morte*” (Sb 1,13), mas donde é que ela vem? Responde a Bíblia, aludindo à lei do desgaste de tudo o que é contingente: “*a morte entrou no mundo por causa da caducidade da vida terrestre*” (cf Jó 14,5). Em outras citações bíblicas se menciona a conseqüência do estado de pecado: “*a morte entrou no mundo pelo pecado*” (Rm 5,12); “*a morte entrou no mundo por causa da ira de Deus contra os ímpios*” (Jó 21,17-21)¹⁴. Outra causa extrínseca à vida humana é a interferência do espírito maligno na história: “*a morte entrou no mundo por inveja do diabo*” (Sb 2,24).

Em última análise, o conceito e o sentido da vida aparecem no Antigo Testamento nos escritos que os autores bíblicos transmitiram às gerações seguintes como fruto das intuições e experiências comunitárias. Consistem em reflexões teológicas que superam de longe as intuições espiritualizantes dos poetas antigos e as considerações dos filósofos pagãos pelo fato de valorizarem a vida do indivíduo inserido no contexto religioso da comunidade israelita, unida na Aliança sagrada de Deus com o Povo Eleito.

Para finalizar, mencionamos o mito da *imortalidade natural*, em voga entre os egípcios da Antigüidade, mas curiosamente nunca houve uma refutação explícita no AT. Isso se explica pelo argumento de haver aí uma oposição radical à antropologia hebraica que, em termos da filosofia aristotélica, é um tema metafísico que aborda as relações entre alma e corpo. Parece-nos que a única tese satisfatória seja a da união substancial. Ora, essa união profunda entre corpo e alma vincula dois componentes da pessoa, e não três: corpo, alma vital (*ka*) e alma espiritual (*ba* como “alter ego”) segundo a antropologia egípcia antiga. Essa alma separava-se do corpo, na hora da morte, e seguia um itinerário que levava do sepulcro, um ambiente de trevas e de poeira, para a região astral “Duat” (*dwat*), localizada ao Sul da eclíptica, fora da rota do sol e, por isso, ambiente de escuridão total e de frio intenso no espaço sideral. Dali, a alma (*ba*)

¹⁴ Antropomorfismos são usados na Bíblia para descrever, por meio de uma imagem visual, a reação de Deus diante do homem, visando qualificar o estado espiritual do ser humano. Assim, o perfil do justo tem por reflexo o “semblante amigo” de Deus, ao passo que a figura do ímpio, o “rosto irado” de Deus. Na verdade, Deus não tem sentimento de ira que o levaria a castigar o pecador sem dó nem piedade, quando pelo contrário Deus é clemente e compassivo (Sl 86,15) para com o pecador arrependido. Bem outra é a reação divina contra os *ímpios* que, por obstinação, são impenitentes e renitentes à graça salvífica, querendo inclusive acabar com os fiéis.



estaria a caminho do Paraíso onde se metamorfoseava em estrela, cujo aparecimento periódico no céu era designado pelo verbo ‘*ankh*’ com duas conotações: “viver” e “surgir” no firmamento¹⁵.

Por outro lado, a doutrina bíblica sobre a ressurreição dos mortos é diametralmente oposta à imortalidade natural dos antigos egípcios porque a vida eterna não tem continuidade com a vida terrena pois a natureza humana será transfigurada, ao entrar na eternidade, imortalizando-se pela ressurreição dos mortos (2Mac 7,9.14; 12,44).

II Parte: A vida humana no NT

A mensagem bíblica do NT sobre a vida humana focaliza a figura central da história da salvação que é Jesus Cristo como portador da revelação divina e como Mediador dos dons salvíficos concedidos às criaturas sobre a face da terra.

O tema da vida no NT concentra-se na “plenitude de vida que se estende para muito além das dimensões da existência terrena, porque consiste na participação da própria vida de Deus” (EV n.2), e que o cristão recebe no sacramento do batismo. Em processos contínuos desde o seu início até seu termo, a vida se inicia, rasteja, caminha e se expande e tem a capacidade de ser perfectível. A terminologia bíblica emprega termos próprios para definir essa “vida” (em grego: *zōē*) de natureza divina, distinguindo-se da vida orgânica (em grego: *bios*), em comum com as criaturas do reino vegetal e animal. A novidade da mensagem bíblica neotestamentária está na mediação da vida inter-trinitária aos fiéis por intermédio de Jesus Cristo. A inovação encontra-se no processo de crescimento progressivo da vida divina na pessoa humana, que vai evoluindo simultaneamente dentro dos esquemas da vida orgânica e racional, enriquecendo-se de forma *incoativa* até chegar à plenitude de perfeição. Sem necessidade de passar por fases sucessivas de espiritualização das faculdades superiores da inteligência e da vontade, a vida humana vai assimilando paulatinamente dons divinos que a enriquecem em nível *sobrenatural*. Isso resulta da participação na Eucaristia na qual é Deus que nos faz unir-nos a Ele, introduzindo-nos na esfera da

¹⁵ A SLOSMAN. *L'astronomie selon les Égyptiens*. Paris: R. Laffont, 1983, p. 72. H.BRUGSCH. *Thesaurus Inscriptionum Aegyptiacarum I*. Leipzig: J.C. Hinrich'sche Buchhandlung, 1883. Adolf ERMAN & Hermann GRAPOW. *Wörterbuch der Aegyptischen Sprache*, I-V. Berlin 1926-1961, Akademie Verlag, (reimpressão) 1971, I. p. 204, cf. o verbete ‘*ankh*’ com sentido de “revivescer”, i.e. surgindo uma estrela.



existência nova. A partir desse momento, vivemos desde já a vida nova que não conhecerá nenhuma interrupção após a morte. Com efeito, é a vida nova que não possui nenhum caráter temporal, cronológico, mas antes qualitativo. É de notar também o caráter intrínseco dessa vida no cristão por causa da habitação do Espírito Santo no coração dos fiéis como também no seio da Igreja.

Em contraste com a teoria da espiritualização da alma fora do corpo (sem haver interrupção nem mesmo após a morte do corpo), como se apegava no platonismo da filosofia grega, o cristianismo ensina uma transcendência essencialmente “encarnada”. Significa que o espírito humano não se liberta do corpo, mas antes é transfigurado e entra em comunhão com a própria vida de Deus. Isso tem implicação profunda tanto na vida terrenal como também na vida eterna. Pois a vida terrenal está em estado prospectivo de transformação para uma situação preter-natural, após a morte. Trata-se então de uma situação *post-mortem* que viabiliza a participação da alma juntamente com sua *relação* ao próprio corpo, constituindo-se assim pessoa humana com identidade própria¹⁶. Caso contrário, haveria de perder toda a autonomia, convertendo-se em mero fantasma.

Para inculturar a mensagem bíblica sobre a “vida plena”, na mentalidade dos fiéis não bastava a crença na ressurreição dos mortos, motivada pela esperança na vida eterna, como se acreditava na religião de Israel. Era preciso presenciar a condição corpórea de Cristo no estado de glorificação, aparecendo aos fiéis na comunidade cristã. As aparições de Cristo Ressuscitado não provinham de uma alucinação coletiva dos cristãos que tivesse sido induzida por nostalgia e saudosismo. Convém lembrar que a condição corpórea de imortalidade será o *status* de todos os falecidos na vida eterna, após a “ressurreição da carne”, que é semelhante à de Cristo glorificado. Entretanto, haverá uma diferença radical na qualidade de vida entre os santos no céu e os réprobos excluídos da felicidade eterna, como é descrito na parábola do “rico avarento e o pobre Lázaro” (Lc 16,19-31).

A característica marcante da doutrina sobre a situação dos falecidos no céu é o dom da vida eterna, que Cristo como Mediador do Deus Altís-

¹⁶ A situação de imortalidade corporal é condição *sine qua non* para que os falecidos entrem na posse da plenitude do que há de melhor na vida eterna que consiste na fruição dos sete dons preter-naturais: imortalidade corporal, ciência infusa, domínio das paixões, integridade moral, reencontro dos falecidos, bem-aventurança eterna e visão beatífica de Deus.



simo entregará as fiéis (Jo 10,28). Como prelibação em gozo antecipado da vida eterna está incluído também o estado de “alegria em plenitude” (Jo 15,11) que Cristo Ressuscitado veio difundir como parte integrante da mensagem cristã. Essa alegria pervade a alma dos santos no céu porque é “compartilhada pelo próprio Cristo” (cf Jo 17,13). É de notar a ênfase nas alegrias eternas da visão beatífica e da bem-aventurança dos santos no céu em contraste com o estado tristonho das almas dos mortos segundo a concepção mítica dos autores gregos da Antigüidade. Na obra clássica da *Odisséia* de Homero encontra-se uma narração imaginativa do encontro de Ulisses com as “sombras” dentro do rol de figuras ilustres da história grega, aparecendo como fantasmas durante a oferta do sacrifício de invocação dos mortos. Essas “sombras”, ou almas dos mortos, surgiram da penumbra, sôfregas de haurir nova energia espiritual através do sangue do sacrifício e das libações rituais oferecidas em honra dos deuses. O próprio Ulisses tinha que puxar da espada para impedir o assédio das sombras enxameando a poça de sangue derramado na imolação do sacrifício. Estavam profundamente entristecidas e lamentavam sua infelicidade na mansão dos mortos, preferindo mil vezes voltar à vida na terra, contanto que tivessem um corpo para o encontro com os seres humanos. Uma cena comovente é o abraço de ternura que Ulisses queria dar à sua falecida mãe, que porém fugia dos seus braços, queixando-se de não poder atenuar a “tristeza indizível” do seu espírito. Homero compôs um “necrológio” das almas no além, onde as visões do futuro se tinham apagado e os desejos ardentes tinham esmorecido sem reacender a luz da esperança na felicidade para os mortos na vida eterna¹⁷.

Para contrabalançar tal situação desalentadora entre as almas na eternidade, os mitógrafos inventaram a teoria da divinização de alguns falecidos, que se tornavam deuses e assim cultivavam a relação de convívio no panteão das divindades e, ao mesmo tempo, podiam transitar livremente entre o mundo terrestre e celeste, alegrando-se com a amizade entre os seres divinos. Lembremos, porém, que a felicidade exige ação

¹⁷ Na *Odisséia* selecionamos o cap. 11, no conjunto dos 24 da obra completa, designando-o como “necrológio” dos mortos que aí recebem uma homenagem póstuma da boca de Homero. Todos eles têm uma oportunidade de falar de si, cujos discursos são lamentações comoventes sobre a vida inacabada durante sua existência terrestre, a morte prematura, e o descaso dos deuses em conceder-lhes a recompensa pelos feitos que realizaram. Não há lembrança dos momentos felizes do passado, nem das alegrias da vida sobre a terra, mas ao invés, queixas sentidas pela ausência de felicidade.



e dentro da passividade nenhum prazer perdura¹⁸. Daí que a plenitude da felicidade está ao alcance dos que dispõem dos meios de ação para superar as limitações da contingência terrena. Destarte, somente os deuses e algumas pessoas divinizadas teriam acesso à fonte de felicidade perene, já que a felicidade ultrapassa a soma de todos os prazeres porque é dom de Deus, e por isso é de natureza transcendente.

Era preciso, portanto, substituir as concepções da mitologia sobre as condições de vida das almas dos falecidos, levando em consideração a dimensão sobrenatural que penetrou no coração dos fiéis com o dom do Espírito Santo no batismo, cujo efeito perdura na vida do além. Nisso está implicado o fato de que a vida eterna não pode ser comparada com a vida sensível do mundo, pois coisas temporais não podem ser o objetivo duma alma eterna. Além disso, a vida nova é real e não utópica pelo motivo de que existe um Deus “vivo” que criou a vida e não a deixa desvanecer no nada. Daí resulta a conclusão de validade perene sobre a ação de Deus a guiar a vida sem cessar e ressuscitar os mortos, dando-lhes por isso a vida eterna.

Conclusão

A vida humana é dom precioso que Deus Criador nos dá, enriquecendo-a com os talentos ao nosso dispor para proveito pessoal e dos outros. Essa vida é dom de Deus, desde a sua origem até à meta final. Esse dom nunca se desprende da mão de Deus, incluindo também a participação humana na sua origem, onde a paternidade e maternidade têm função criadora e determinante na configuração do novo ser. A biologia molecular fala do DNA para identificar o material genético do corpo humano, qualificando-o como ser humano, distinto do reino animal, e especificando os genes do pai e da mãe. São eles, com os filhos, que constituem a família, como berço da vida pessoal e comunitária e mediadora das relações entre os indivíduos e a coletividade, pois difunde

¹⁸ A fruição da felicidade não consiste na perspectiva de alguém estirado numa rede em sereno descanso sem hora de acordar do cochilo após longos passatempos de lazer despreocupado de tudo sem ter o que fazer. Mas ao contrário, trata-se de uma atuação engajada na promoção de melhorias na qualidade de vida e ajuda aos necessitados desprovidos dos meios de sustento e recursos necessários para viver. Por isso a Igreja atribuiu aos santos no céu a função de estenderem o patrocínio sobre setores da vida e atividades dos habitantes intercedendo junto a Deus e exercendo sua influência para o bem dos fiéis sobre a terra.



um paradigma de vivências humanas baseadas na solidariedade do tipo comunitário.

Também a qualidade de vida está nas mãos de Deus e dos seres humanos. É aí que entra a religião para proporcionar os meios de vivência do modo de vida individual, familiar e comunitária que leve em conta as possibilidades oferecidas aos indivíduos e as chances de serem aproveitadas para o bem dele e da sociedade. Pois o indivíduo não é o fim em si, mas a sociedade que dele precisa valorizando seus talentos postos em comum para proveito da vida compartilhada na comunidade que se eleva ao nível transcendente até chegar a Deus.

O tema da vida humana ganhou tamanha importância nos dias de hoje porque extrapolou do âmbito acadêmico ao discutir problemas que afetam indivíduos e a sociedade, problemas que são abordados na pesquisa e na reflexão dos sábios que se apoiaram em valores e perspectivas fornecidas pelas crenças religiosas. Ainda hoje, a nossa civilização é guiada por impulsos e atitudes que são expressões das comunidades de fé, e que a *Campanha da Fraternidade de 2008*, com o lema “Escolhe, pois, a Vida!” (Dt 30,19), valoriza. Esta Campanha propõe aos fiéis e ao mundo secularizado que se inspirem no pensamento teológico da Bíblia e na espiritualidade cristã, a fim de que o homem de hoje faça a experiência de si mesmo como criatura dotada de finalidade nesta vida, a qual desemboca na eternidade.

Endereço do Autor:

Colégio Catarinense

Rua Esteves Júnior 711

Cx. Postal 135

88015-130 Florianópolis, SC